

## A MUSICALIDADE NAS RELAÇÕES DE TRABALHO.

Mirian Steinberg<sup>25</sup>

*Algumas palavras...*

Muito tem se discutido a cerca das relações de trabalho e a comunicação humana nas organizações.

Os colaboradores no trabalho exercem uma função bem clara, com objetivos comuns entre empresa e colaborador. Onde constantes avaliações, planos e metas, objetivos podem e devem ser traçados, a fim de definir, organizar e reorganizar constantemente as atuações no trabalho.

A convivência no trabalho, com as situações e exigências, sejam elas de caráter humano ou técnico, implicam numa habilidade do colaborador em lidar e manejar situações de conflitos e muitas vezes situações de limites.

O cargo ou a função não exigem e tampouco habilitam a usar essa inteligência de manusear, conviver e mediar conflitos, mostrando um despreparo nessas situações.

Os colaboradores não se encontram preparados para lidar com as questões humanas inerente a qualquer pessoa, como mau humor, irritabilidade, inseguranças, medos de aceitação e principalmente o medo de errar, que favorecem o isolamento, a comunicação, a arrogância, o pensar em si mesmo e impedem a atitude criativa para encontrar soluções para os problemas.

O resultado da “inabilidade” em se comunicar de forma produtiva provoca a desmotivação, a baixa produtividade, o stress e a falta de satisfação.

Essa inabilidade tem seu histórico numa educação vigente, já que não temos os códigos de acesso ao

aprendizado das convivências e das subjetividades. Com isso compromete o clima organizacional que não está em seu potencial máximo tanto do colaborador de produzir e se relacionar com respeito, ampliando a capacidade de se comunicar e se expressar de forma fluente, quanto da produtividade da empresa.

Assim compromete e dificulta uma atitude de inovação, de inventar soluções, e com isso a resolução de problemas, numa atitude criativa e espontânea no trabalho.

Podemos dizer que cada grupo constitui uma dinâmica própria, um ritmo, uma musicalidade que ora trabalha mais afinada e ora desafina.

Já desde os primórdios encontramos grupos, tribos, família, clãs que se encontram para dançar, cantar e celebrar o trabalho, a colheita, a caça, o rituais de passagem a fim de fortalecer esse grupo trazendo um autêntico espírito de grupo, de alegria, de força e união entre as pessoas.

A musica e os sons dos grupos são formas de expressão tão primitivos e viscerais que estão impressos nos códigos da cultura universal.

No entanto foram sendo esquecidos durante o passar dos tempos, os excessos de racionalidades, de consumo, de materialidades nos afastaram dos rituais que caracterizam uma disciplina e uma conduta em prol das relações humanas e da comunicação mais integradas. Conservam uma memória ancestral que quando acionados e estimulados acordam esse corpo adormecido pelas atribulações cotidianas. Através dos rituais, dos movimentos, dos ritmos, da voz que contempla códigos de comunicação, arte, invenção, interação e saúde nos grupos de trabalho, são desbloqueados grande parte dos conflitos e assim passa fluir a proximidade entre os colaboradores, supervisores, gestores ampliando as formas de perceber e estar no grupo, resolvendo conflitos, possibilitando mais elementos para a reflexão do papel e do lugar de cada um na organização.

Portanto os conceitos de que as pessoas que são dotadas de um repertório de códigos de comunicação verbal e

---

<sup>25</sup> Musicoterapeuta e Terapeuta Corporal. Docente da Faculdade Paulista de Artes. Idealizadora do Acorde Arte e Saúde – soluções em qualidade de vida organizacional. Email:

não verbal tem mais elementos para contribuir para um clima organizacional mais produtivo, que por sua vez se estende a vida pessoal, a saúde e a comunicação integral.

Os elementos da música já trazem esses códigos, portanto a musicoterapia vai associar, integrar, estimular essa expressividade de potente força e estimulação da uma comunicação humana mais rica e saudável.

O elemento principal dessa habilidade na comunicação integral está na escuta.

Na escuta podemos visualizar "escutar" a organização, os departamentos como uma grande orquestra. Onde todos os subgrupos/departamento, colaboradores, ou seja, cada naipe de instrumentos toca instrumentos diferentes com timbres particulares, que se complementam e formam um grupo maior que é a orquestra que busca uma afinação e uma harmonia.

Constata-se que nem sempre essa é a realidade, por vezes estamos desafinados com a nossa própria função e pessoa, com o outro instrumento, não interagimos com toda a orquestra e principalmente não escutamos o ritmo, o pulso, a música própria e nem do outro, ficando em "atritos" desafinados, já que somos humanos e estamos sujeitos a toda essa complexidade. Afinal não temos uma escuta apurada nem de nós mesmos o que dirá então do outro.

Na maioria das vezes não entendemos nem o que acontece com nossos pensamentos, desejos, sentimentos, corpo, o que dirá de escutar o outro, que por sua vez também está repleto de subjetividades. Essa dinâmica se manifesta nos ambientes de trabalho através de rivalidades, competições, conflitos, dúvidas que precisam ser apurados para melhorar o desempenho de todos e por sua vez do grupo e da empresa.

Pessoas que trabalham afinadas produzem mais, e a empresa torna-se muito mais competitiva e forte. Integrar elementos não verbais de pessoas e colaboradores com os elementos da música é uma possibilidade de refletir nas questões das relações no trabalho.

Avaliar ritmos de cada colaborador e grupo, pois cada um se manifesta num determinado andamento, intensidade, e até frequência vibratória.

Expressar timbres diversos como os instrumentos e como a voz humana, são elementos explorados na prática da musicoterapia.

Caracterizar ritmos do grupo através de uma atitude de experimentação, invenção e construção compartilhada entre som e movimento, eliminando pouco a pouco os mecanismos de defesas, da timidez, dos medos e inseguranças, trazendo no grupo a potência da musicalidade de cada um. Retirando naturalmente os mecanismos de defesas, de auto-crítica, de medos de errar e de julgamentos para um comportamento aberto, sonoro e musical, onde toda manifestação, inclusive o silêncio e a escuta do grupo é fator que atravessa a interioridade, atinge e contagia quem vivencia e fortalece o grupo como um todo.

Faz parte dessa experiência o estranhamento, a diversidade e as diferenças de cada sonoridade e, portanto uma maior riqueza. O contato com o novo em si mesmo e no outro.

E assim se estende numa atitude mais criativa nas relações de trabalho e na formação de vínculos de respeito e união entre as pessoas, considerando o papel, a função e o lugar de cada colaborador.

A importância de caminharem juntos numa única pulsação para dar uma base sólida de construção das individualidades e potencialidades de pessoas, colaboradores, supervisores, gestores, numa base rítmica que sustenta a segurança e a força do grupo, numa atitude de superação de desafios, com a força em potencial das equipes.

O fazer musical promove também a liberação de substâncias como a endorfina, responsáveis pela sensação real de bem-estar e vitalidade, melhorando a saúde integral através de uma linguagem não-verbal, tão rica e antiga como os sons e a música.